



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12096 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

O SABER-FAZER DE EDUCADORES DIANTE DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA
Pablo Henrique Teodoro de Lima - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

O SABER-FAZER DE EDUCADORES DIANTE DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Essa pesquisa, fruto de uma Dissertação de Mestrado, procurou analisar e refletir sobre a pergunta: *que saber-fazer os educadores apresentam diante da violência na escola?* Partindo dos recrudescentes índices de violência nas escolas brasileiras e da dificuldade que muitos educadores apresentam para lidar com os casos mais enigmáticos e complexos de violência, foi que nos propomos a compreender qual o saber-fazer singular eles empregam em seu ofício, ou seja, que fazem diariamente em sua rotina escolar com o que fizeram deles, com base em suas formações, currículos e experiências. Para além da ortodoxia pedagógica, nos servimos da máxima sartreana de que importa menos o que fizeram de mim, mas, antes, o que eu faço com o que fizeram de mim. Nesse sentido, buscamos a psicanálise na interface com a educação de modo que fosse possível operar na contingência relacional de sujeitos não-todos, ofertando-lhes a palavra.

Nossa pesquisa fundamentou-se em quatro fontes de dados distintas, mas complementares, quais sejam: (1) relatórios sobre a violência nas escolas de Belo Horizonte fornecidos pela Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção – SMSP; (2) Boletins de Ocorrência Circunstanciados (BOC's) da Guarda Civil Municipal de Belo Horizonte (GCMBH); (3) revisão de literatura e fundamentação teórica; (4) e os sujeitos.

A escuta dos sujeitos foi realizada por meio da entrevista em profundidade. A análise das entrevistas se deu por meio da análise clínica do discurso e buscou examinar: (1) os casos narrados de violência escolar, (2) os efeitos e formas de abordagem, (3) os disparadores dos atos violentos, (4) o fazer do educador mediante tais atos, (5) o saber que constrói para esse fazer e, sobretudo, (6) atentar ao que escapa à própria subjetividade do educador: seu saber-fazer singular para lidar com os casos de violência.

A partir da análise dos dados fornecidos pelos relatórios sobre a violência nas escolas, foi possível identificar as instituições de ensino públicas com os maiores índices de violência de Belo Horizonte. Analisados esses documentos, escolhemos, dentre as escolas listadas, a Escola Municipal Esperança (EME), localizada na Regional Leste de Belo Horizonte, no Território de Gestão Compartilhada Leste 4 (TGCL4). O referido território ganha notoriedade na capital mineira pelos alarmantes índices de vulnerabilidade social, homicídios da população preta do sexo masculino entre 15 e 29 anos, elevado Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), dentre outros.

Em todos os relatórios disponibilizados pela SMSP, a EME desponta entre as que mais receberam visitas da GCMBH entre 2018-2020. Os principais problemas apresentados pela EME foram, de acordo com os dados: danos ao patrimônio, tráfico entre estudantes, agressão verbal a professores e brigas (vias de fato) entre estudantes (alguns com transtornos graves de saúde). A EME, localizada em uma comunidade heterogênea (originária do programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal), foi municipalizada em 2010 e é fruto de uma Parceria Público-Privada (PPP) entre o governo do município e uma grande multinacional brasileira.

De modo a compreender a complexidade das questões concernentes à violência e ao saber-fazer docente na contemporaneidade, bem como, de modo mais específico, como a escola pesquisada tem sido impactada por esses aspectos, tomamos de diferentes teóricos suas conceituações sobre a temática. O primeiro e o segundo capítulos de nossa dissertação foram dedicados a compreender a violência enquanto fenômeno social e sintoma subjetivo. A partir da violência que se queixa a escola, buscamos destrinchar tal fenômeno categorizando-o em violência *da/na/contra* a escola e as implicações objetivas e subjetivas de cada categoria. Dessa queixa da instituição, elencamos aquilo que se destacou como mais relevante, de modo que pudéssemos buscar a compressão desses aspectos de maneira mais aprofundada, partindo do que apresentava a escola, mas não nos restringindo a ela.

Embora não tenhamos aprofundado nossas reflexões acerca de todos os problemas apresentados, acreditamos ter abarcado aqueles que mais encontraram ressonâncias na escola pesquisada, quais sejam: o que consideramos como violência; a violência sob uma perspectiva psicanalítica; a maneira que a experimentamos (objetiva – sistêmica e simbólica – e subjetiva); a violência institucional propositiva e, por fim, a naturalização da violência na sociedade e na escola e sua relação com o capitalismo, a sociedade de classes e o mito da não violência no Brasil colonialista e escravocrata.

O segundo e o terceiro capítulos foram dedicados à compreensão do saber-fazer docente, partindo do entendimento da pessoa do professor como protagonista desse saber-fazer. Nesse percurso nos servimos das teorizações pedagógicas que apresentam a formação do sujeito professor a partir do processo de profissionalização e construção da profissionalidade docentes, evidenciando a maneira singular com que cada professor constrói sua profissão e seus saberes. Seguindo a orientação das tendências pedagógicas, tecemos uma reflexão crítica

à perspectiva do professor reflexivo e demos corpo a uma fundamentação dos saberes docente e da importância deles para o desenvolvimento do ofício docente. Nisso, abrimos caminho, a partir de uma lacuna encontrada nas teorias pedagógicas – o saber inconsciente –, para incorporar o saber-fazer a partir de uma interpretação da psicanálise, movimento que nos possibilitou compreender qual deve ser o saber-fazer do professor, mestre de seu ofício, que é saber-fazer-o-outro-fazer, o saber-fazer do mestre.

Após observar a escola pesquisada e analisar os dados quantitativos e qualitativos, realizamos as entrevistas em profundidade com quatro educadores da instituição, sendo eles a diretora, o vice-diretor, o coordenador de turno e uma professora de Português. Nossa suspeita inicial era de que algo no nível da subjetividade, da pessoalidade e do lugar mesmo ocupado pelo educador mediante a cena de violência poderia igualmente contribuir para o malogro ou êxito em resolvê-la.

Após a análise das entrevistas, cremos estar corretos em nossa hipótese. Tendo apreendido do modo singular de cada educador lidar com a docência e com os casos mais enigmáticos de violência um saber-fazer idiossincrático para operar com eles, acreditamos que, ainda que a profissão, a sala de aula ou seus alunos lhe ofereçam desagradáveis contingências, aos professores que parecem inventar um modo singular de saber-fazer o outro fazer por meio de um saber-fazer idiossincrático, subjetivo, a docência parece se apresentar menos danosa e mais satisfatória. Parece-nos que para o professor saber-fazer o outro fazer – ou seja, saber ensinar de modo que o outro aprenda (conteúdos ou modos de ser) – ele necessita inventar um saber-fazer singular, algo que vai muito além de apenas cumprir com o que é solicitado ao mestre, uma vez que a invenção desse saber-fazer próprio do sujeito parte de um árduo trabalho subjetivo.

Em relação à violência na EME, uma questão nos interrogou: como tem conseguido a instituição, a partir do discurso de seus professores, paulatinamente superar a violência, ainda que os relatórios governamentais digam o contrário? Embora os relatórios apontem uma das escolas mais violentas da capital, na realidade o que encontramos é uma instituição que, por meio das constantes intervenções de órgãos externos e consequentes registros (ex. BOC's), procura retirar alguns sujeitos mais violentos da escola ou imobilizar a ação daqueles aos quais é permitido permanecer. O que nos parece, de fato, é que a violência se encontra na escola, mas embora tenha chamado nossa atenção pelo seu caráter subjetivo, que é o mais publicizado pelos relatórios, incorpora seu caráter sistêmico, sustentado pelos próprios educadores, ainda que eles não percebam.

Palavras-chave: Saber-fazer. Violência escolar. Educador. Psicanálise.